

UM OLHAR SOBRE A FLORESTA NACIONAL (FLONA) DE CHAPECÓ: COMO A POPULAÇÃO ENTORNO INTERPRETA A RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E NATUREZA

RESUMO

A sociedade humana modificou a natureza, no discurso e na prática, de diferentes formas, de acordo com as intencionalidades e as culturas vigentes. Este artigo visa compreender como os sujeitos interpretam a relação entre sociedade e natureza, através do estudo da população entorno da Floresta Nacional de Chapecó. Utilizando o triângulo metodológico, 49 sujeitos participaram, e os dados foram analisados qualitativamente através de categorização e discutidos com autores que debatem essa relação. Percebe-se a área de estudo é conflituosa. Muitos sujeitos acreditam que essa relação não exista. Daqueles que confirmaram a relação, acreditam que a relação coexiste através do “Auxílio” entre ambos. Considera-se, assim, que compreender as percepções da população é essencial, a fim de auxiliar no processo de manutenção do lugar.

Palavras-chave: Meio rural; relações; Unidade de Conservação.

ABSTRACT

Human society changed the nature, in speech and in practice in different ways, according to the intentions and the prevailing cultures. This article aims to understand how subjects interpret the relationship between society and nature, by studying the surrounding population of the National Forest Chapecó. Using the methodological triangle, 49 subjects participated, and the data were analyzed qualitatively through categorization and discussion with authors that discuss this relationship. We can see the study area is conflicting. Many individuals believe that this relationship does not exist. Of those that confirmed the relationship, believe that the relationship coexists through "aid" between them. It is, therefore, to understand the perceptions of the population is essential in order to assist in the maintenance process of the place.

Keywords: Rural Environment; relations; Conservation Unit.

RESUMEN

La sociedad humana ha cambiado la naturaleza, en el discurso y en la práctica de diferentes maneras, de acuerdo con las intenciones y las culturas dominantes. Este artículo tiene como objetivo entender cómo los sujetos interpretan la relación entre la sociedad y la naturaleza, mediante el estudio de la población de los alrededores de la Selva Chapecó Nacional. Utilizando el triángulo metodológico, 49 sujetos participaron, y los datos se analizaron cualitativamente a través de la categorización y la discusión con los autores que hablan de esta relación. Podemos ver el área de estudio es conflictiva. Muchas personas creen que no existe esta relación. De los que confirmó la relación, creo que la relación coexiste través de la "ayuda" entre ellos. Es, por lo tanto, para entender las percepciones de la población es esencial a fin de ayudar en el proceso de mantenimiento del lugar.

Palabras clave: Medio Rural; relaciones; Unidad de Conservación.

Bruno de Matos Casaca
Graduado em Geografia- Licenciatura
Universidade Federal da Fronteira Sul
bksaca@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quem nunca ouviu a frase Sociedade e Natureza? Para os geógrafos do mundo todo, essa tem sido a relação estabelecida, mas é muito subjetivo qual seria o papel da Natureza nesta Sociedade e vice-versa.

Sabe-se que o uso da natureza pelo homem é muito antigo, no entanto é somente no século XX que a Natureza é realmente introduzida como uma categoria de análise na ciência geográfica.

No início do XXI, diversos autores discutem a ideia da existência de duas naturezas, respectivas: a primeira natureza, constituinte por objetos originais, intocados, preservados, sem uma presença e ação de uma sociedade; e a segunda natureza, transformada, modificada, alterada pela ação antrópica, pela cultura social.

Mendonça (2011, p. 23-24) afirma

[...] Boa parte dos geógrafos é unânime em aceitar a definição de que a primeira natureza é a “natureza em estado natural”, diferente da segunda natureza, já submetida à sociedade, isto é, a natureza que já apresenta resultados da ação humana. [...] A segunda natureza, aquela diretamente ligada ao espaço geográfico desta geografia social, identifica aquelas realidades naturais modificadas pelo uso social que permanecem sendo naturais, porém com a qualidade nova de se constituírem também em produtos da história humana, materializações do trabalho social.

Desta forma a relação sociedade-natureza surge como resultado das relações que permeiam a sociedade, tanto como no sentido de uma segunda natureza, pela ação antrópica, como numa primeira, no sentido “descoberta”, por vezes considerada como uma Natureza Selvagem. O homem aprendeu a trabalhar na terra, dominando assim seu ambiente, meio este que permanece como propriedade privada. O homem não se entende como produtor (a natureza produz), mas como força que desenvolve uma determinada atividade modificadora da natureza.

As relações entre Sociedade e Natureza são constantemente modificadas no tempo e no espaço. Em cada período histórico a sociedade humana modificou a Natureza, no discurso e/ou na prática, de diferentes formas, de acordo com as intencionalidades e as culturas vigentes (CAMPOS, 2001; SANTOS, 1992).

Para Santos (1992) no período que antecede o capitalismo, a relação Sociedade e Natureza era mais harmônica, entretanto, em determinado tempo/espaço ela transformou-se. Transformação essa ligada aos conflitos de interesses e lógicas das múltiplas sociedades.

Routineiramente a importância dessa relação aparece um prol da defesa da natureza em função das crescentes descobertas das possibilidades de uso a favor dos interesses sociais, como também pelo acentuado grau de ameaças e degradação ambiental, nestes casos intensificadas pela lógica capitalista e pela mídia (CAMPOS, 2001).

Dentro da lógica do capital, a natureza é fonte de beleza e de recursos a serem apropriados e transformados em propriedade privada. Não obstante, o que efetivamente é explorado é o trabalho e não a natureza, posto que esta sem a mediação do primeiro, não pode produzir qualquer riqueza (CAMPOS, 2001, p.119).

Outra relação, além da ideia de natureza transformada como produto, como mercadoria proveniente do capital, é a associação entre a ideia de natureza com a ideia de cultura. A distinção entre essas duas ideias é recente, no entanto estabelece obstáculos quanto a análise técnica destes termos (SANTOS, 1992).

A separação cultura/natureza impede não apenas o reconhecimento, mas o próprio desenvolvimento de possíveis diferenças culturais, pois se desdobra no artificialismo da separação e hierarquização entre “prioridades” consideradas fundamentais e secundárias, ou se prefere, entre “liberdades” e “necessidades”. E quando se processa tal divisão, as “liberdades” são sacrificadas em nome da urgência de “necessidades” que não conseguem ser satisfeitas (CAMPOS, 2001, p. 124).

Quando Campos (2001) aponta essa dualidade entre “liberdade” e “necessidade”, o mesmo diz respeito ao processo de distinção entre a Natureza e a Cultura. Num primeiro momento da história não se fazia uma separação por oposição entre os termos, pois entendia que a Cultura estaria relacionada a uma segunda natureza, aquela que a partir da inserção da sociedade em um ambiente, o modificou, sob influência das rotinas, e meios que estes humanos na época possuíam, mas que ainda não por uma necessidade, podendo ser livre a escolha de modificação (CHAUÍ, 2003).

No segundo momento da história a separação entre as ideias é por oposição, onde a cultura de uma sociedade define a modificação da natureza, por necessidade desta mesma sociedade, independentemente das forças que possibilitem a modificação do meio (CHAUÍ, 2003).

A cultura passa a ser muito mais próxima ao ser humano, do que uma ideia de equilíbrio entre Sociedade e Natureza.

[...] Entre os artifícios produzidos pela cultura está o da natureza que, em cada agrupamento humano ou cada sociedade particular, assume significados diversos que se revelam como discursos (leis, teorias e variadas explicações), que os homens reservam para expressar as concepções que têm dos outros integrantes (não humanos) de seus universos (CAMPOS, 2001, p. 120).

Qualquer relação ou ideia a respeito da relação entre Sociedade e Natureza geralmente se apresenta como algo óbvio, tão óbvio que se torna controverso, principalmente no senso comum, adquirindo um aspecto polissêmico nas diferentes ciências que utilizam dessa associação como meio para justificar seus métodos e objetivos.

O presente artigo remete-se a uma parte do trabalho de conclusão de curso do autor, e visa compreender como a população entorno¹ à Unidade de Conservação interpreta a relação entre Sociedade e Natureza.

METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo proposto foi realizado um recorte espacial sobre a abrangência da Unidade de Conservação, no qual ocupa territórios de dois municípios no oeste catarinense, o de Chapecó e de Guatambu. Esta pesquisa realizou-se junto a Floresta Nacional (FLONA) de Chapecó.

As Florestas Nacionais segundo a lei que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação são áreas de cobertura florestal com espécies preponderantemente nativas e tem como objetivo básico o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável.

¹ O **entorno** de Unidades de Conservação equivale a sua “zona de amortecimento”, na qual “as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, visando minimizar os impactos negativos sobre a UC” (SNUC, 2004, p. 9).

A FLONA de Chapecó está localizada no oeste do Estado de Santa Catarina, inserida no bioma da Mata Atlântica, com predomínio de vegetação arbórea Pinheiro Brasileiro ou Araucária (*Araucaria angustifolia*). A Gleba I está localizada no município de Guatambu (SC), dentro da Fazenda Zandavalli, com uma área de 1.287,54 hectares (27°04' latitude sul e 52°48' longitude oeste); e a Gleba III, com uma área de 4.330 m² (às margens da Rodovia BR/SC-283); enquanto a Gleba II está situada no interior do município de Chapecó (SC), com área de 315,88 hectares (27°11' latitude sul e 52°37' longitude oeste). As Glebas I e II estão 17 km distantes entre si, em linha reta e 32 km por acesso rodoviário.

Delimitou-se a área onde se ocorre o maior aglomerado de pessoas, caracterizando o Distrito da Fazenda Zandavalli (Figura 1), próximo a Gleba I da FLONA, e também a sua sede administrativa.

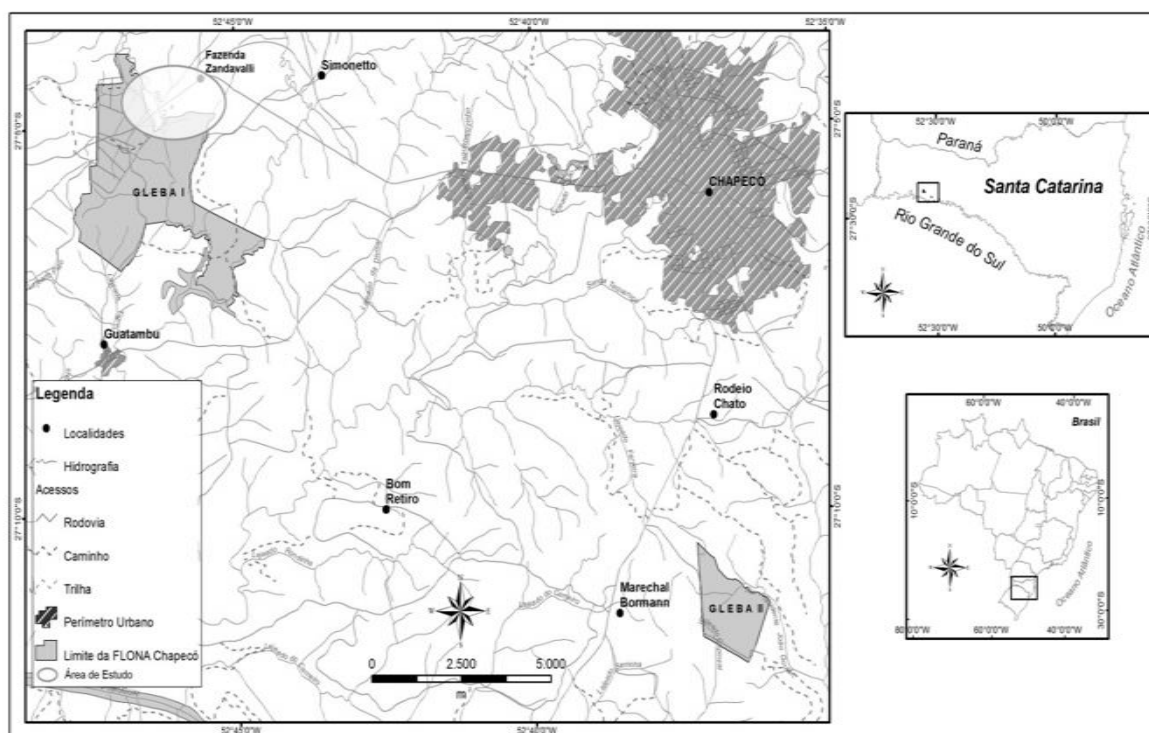


Figura 1: Mapa de localização da Unidade de Conservação Floresta Nacional de Chapecó: Gleba I (Guatambu – SC) e Gleba II (Chapecó – SC). Fonte: ICMBio, 2013.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram organizados em três eixos diferentes (Estudantes, Moradores e Profissionais da FLONA), numa leitura baseada nas recomendadas de Whyte (1977), na qual as técnicas de pesquisa baseiam-se em três tipos de procedimentos: perguntando, ouvindo e observando; que juntos integram um triângulo metodológico.

A utilização deste triângulo metodológico permite um confronto de dados diferentes, o que revela as contradições entre algumas respostas subjetivas e os aspectos objetivos observados na pesquisa a campo (MIRANDA; SOUZA, 2011).

O Perguntar e o Ouvir auxiliam na leitura de aspectos complicados e por vezes complexos de serem observados de forma sistemática, como preferências, expectativas, crenças, gostos e sentimentos, mesmo que esse último foi tentado elencar ao longo de um questionário e uma entrevista, respectivamente. O Observar garante, através do trabalho de campo, verificar ora a relação do sujeito no ambiente que está inserido, como utilização dos recursos naturais e, ora a confiabilidade dos dados apresentados nas abordagens anteriores.

A pesquisa a campo fora realizada do período de junho a dezembro de 2013 e os dados foram analisados qualitativamente, através de categorização, e discutidos com autores que debatem essa relação, com ênfase na ciência geográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 49 sujeitos, onde 31 são Estudantes da Escola localizada no Distrito Fazenda Zandavalli, 16 são Moradores, do mesmo distrito, e 02 são Profissionais da FLONA de Chapecó, como mostra a Quadro 1.

	Eixo I (Estudantes)	Eixo II (Moradores)	Eixo III (Profissionais da FLONA)
Criança/Jovem	31	05	0
Adulto	0	11	02
Masculino	16	03	0
Feminino	15	13	02

Quadro 1: Quantidade de sujeitos que participaram da pesquisa, em 2013, com suas respectivas abordagens de análise.

Optou-se aqui, em primeiro, realizar uma análise do lugar, juntamente com a abordagem observando do triângulo metodológico, para depois analisar, quantificar e categorizar os dados obtidos pelas abordagens perguntando e ouvindo.

Entender melhor a relação estabelecida entre os sujeitos e o ambiente, observando e analisando os atores envolvidos no processo de ocupação, as diferentes abordagens culturais em um espaço modificado do seu aspecto original e natural tornam-se importante para manutenção das Unidades de Conservação (BERTRAND; BERTRAND; PASSOS, 2007).

Percebeu-se que a Floresta Nacional de Chapecó apresenta aspectos de caráter cultural, que não somente deriva do processo histórico de ocupação da população na proximidade, mas das relações diretas e indiretas entre a sociedade urbana/rural e o espaço natural.

Foi constatado que os sujeitos possuem alguns receios em relação à participação da pesquisa. Muitos estudantes não quiseram participar da pesquisa. Em sete casos, os pais, que eram os responsáveis pelos sujeitos, não permitiram à participação na pesquisa, sendo essa a justificativa que os estudantes retornaram ao pesquisador. Em um caso, um responsável solicitou a retirada do questionário, e em outro os responsáveis marcaram uma data para que o pesquisador conversasse e esclarecesse as dúvidas referentes à pesquisa. Essas observações sugerem uma relação conflituosa entre uma população local e os órgãos pesquisadores, ora pela desconfiança do uso das respostas, ora pela forma de interpretação do lugar e dos sujeitos.

O pesquisador teve dificuldades em conversar com os Moradores devido à mesma forma de interpretação ocorrente junto aos Estudantes, a desconfiança. Para estes foram realizadas visitas residenciais, conversas e sugestão de aplicação do questionário. Em quase todos os casos, os sujeitos não quiseram responder o questionário quando o pesquisador estava presente, foi necessário deixar os questionários para que fossem retirados em outro horário, onde muitos não retornaram. Percebeu-se também que alguns moradores, por não concluírem o ensino básico não queriam responder, pois consideravam seu conhecimento e sua experiência insuficientes, como o Sujeito A: “[...] acho que não vale nada minha resposta, veja bem, eu só tenho a 4ª série, parei de estudar, não sei nada dessas coisas que você está falando [...] posso tentar, mas não sei se vai servir pra algo”; contudo o Sujeito B

auxiliou na resposta: “[...] mãe, responde ai, ele tá precisando, ele vai fazer o que com coisas assim, é pra pesquisa, tipo aquelas que aparecem na TV, eu também vou responder, só não quero escrever [...]”.

Em contra partida, o trabalho realizado junto aos Profissionais da FLONA ocorreu de forma mais acessível, provavelmente por serem servidores do ICMBio, e constantemente receberem pesquisadores. Destaca-se como a influência dos estudos e meios científicos / acadêmicos contribui para a concepção e percepção destes sujeitos (MACHADO, 1999).

Quanto à relação entre Sociedade e Natureza, seja de forma harmônica ou não, para 32,7% dos sujeitos acredita que essa relação – Sociedade e Natureza – não exista. Esse dado pode ser produto das múltiplas interpretações que os sujeitos possam possuir, principalmente sobre a Natureza, que neste caso, pode estar associado à ideia de meio ambiente, local de habitação.

Daqueles que confirmaram a existência desta relação, 25,6% acreditam que a associação coexiste através do “Auxílio” entre ambos (Figura 2). Auxílio este ligado a um processo histórico de conscientização e preservação do ambiente. Este auxílio está ligado à conscientização de preservação da Natureza, como aponta o Sujeito C: “algumas pessoas cuidam da natureza, já outras destroem por não terem consciência”.

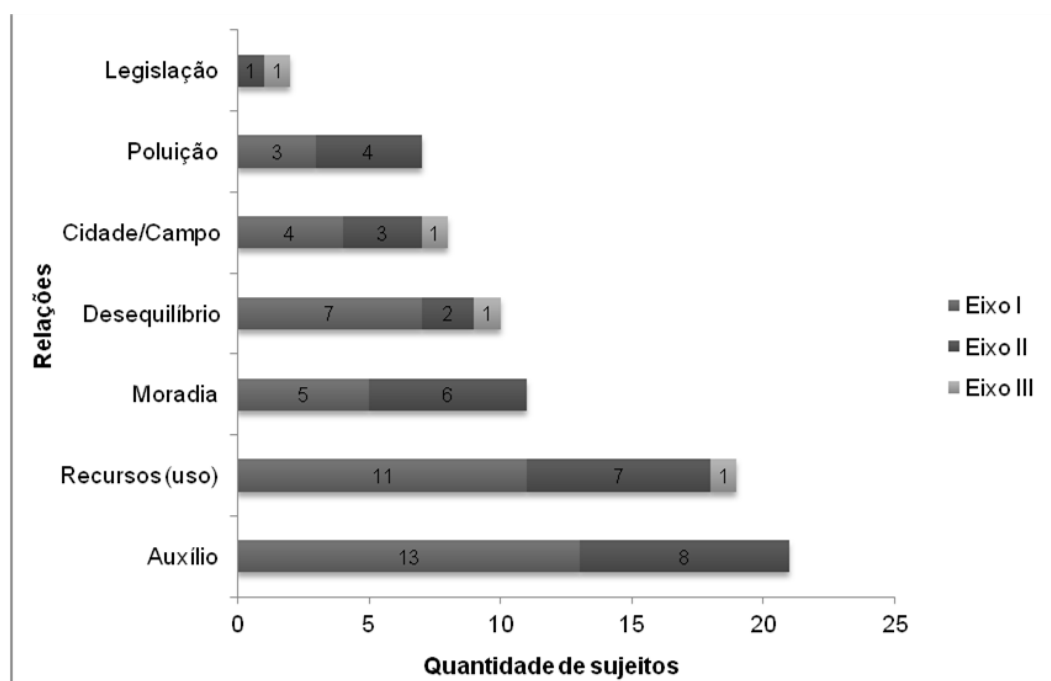


Figura 22: Categorias apresentadas pelos 59,2% dos sujeitos que afirmam a existência de algum tipo de relação entre a Natureza e a Sociedade.

Para os sujeitos do Eixo II a relação está ligada muito ao uso da terra e dos recursos (23,2%), sendo que estes não consideram desconectados ao campo, como causadores de danos à natureza, devido à relação íntima que possuem desde pequenos com o meio rural, meio que proporciona além de moradia (13,4%) também lhes garante o próprio sustento (CARVALHO, 2010; VEIGA, 2000).

Segundo Tuan (2013, p. 140)

O apego à terra do pequeno agricultor camponês é profundo, conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. [...] Um meio ambiente como este pode romper todas as regras formais de eufonia e estética, substituindo a confusão pela ordem e, no entanto, ser completamente desfrutável.

Os sujeitos moradores por trabalharem no ambiente que consideram natureza, possuem uma relação mista entre amor e ódio, de conflito e de harmonia, que pode ser intensificado conforme a manutenção que ocorre no lugar, como instalações de órgãos que desconhecem a realidade do produtor.

Por vezes a relação pode ocorrer através do Desequilíbrio (12,2%), da Poluição (8,5%). No entanto, com a inserção de novas legislações ambientais (2,4%) criam mecanismos aos órgãos competentes a fim de garantir preservação da Natureza, como é notado pelo Sujeito D “*a sociedade está ligada a Natureza, hoje com as leis ambientais ela tem que cumprir normas que garante o manejo e o equilíbrio ambiental e social*”. Tais relações recebem um caráter conflituoso, que comumente é percebido pelos sujeitos participantes no uso e manejo da terra (BRITO, 2000).

Conflitos, envolvendo a ocupação humana e o uso dos recursos naturais, são comuns em diversas regiões onde foram ou serão implantadas UC e podem ser observados nas atitudes da sociedade e do poder público, refletindo a ideia de oposição entre homem e natureza, não colocando o homem como parte e sim, à parte desta (BRITO, 2000).

A FLONA de Chapecó continuamente tenta amenizar os conflitos existentes. Atualmente a relação está mais harmônica do que no momento da instalação da UC. Para Diegues (2001, p. 58-59)

[...] pensar na criação de áreas protegidas como espaços territoriais onde a necessidade de uma relação mais harmoniosa entre o homem e a natureza é afirmada positivamente, não de forma excludente como hoje prevê a legislação de parques e reservas, mas de forma a beneficiar as populações locais. Mais do que repressão, o mundo moderno necessita de exemplos de relações mais adequadas entre homem e natureza. Essas unidades de conservação podem oferecer condições para que os enfoques tradicionais de manejo do mundo natural sejam valorizados, renovados e até reinterpretados, para torná-los mais adaptados a novas situações emergentes.

Ao Eixo I (estudantes) a relação entre Natureza e Sociedade pode ser conflituosa, mas no sentido de interpretação da realidade. Por serem sujeitos inclusos num meio rural, a aproximação e a interação com a paisagem (através do uso da terra, do contato frequente com a flora e a fauna) causam uma associação em que o ser humano é “amigo” da natureza (TUAN, 2013).

Em todos os eixos ocorre uma associação entre Natureza e Sociedade através de uma identidade religiosa, geralmente ligada a um processo de comunhão. Esta é uma visão construída culturalmente, e muito comum em comunidades rurais, ou de menor porte (CHAUÍ, 2003).

Pois como aponta Gil Filho (2008, p. 83)

A identidade religiosa é uma construção histórico-cultural e socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa. Como a identidade é um processo de construção social com base em atributos culturais, possui uma dimensão individual e outra coletiva. Sob essa perspectiva, podemos reconhecer que a auto-representação pode estar em contradição com a ação social. Isso se deve à pluralidade das representações e, por conseguinte, das identidades possíveis.

Nesta perspectiva, no ambiente discutido verificam-se fatores que influenciam nas interpretações dos sujeitos quanto a relação entre Sociedade e Natureza, onde a população através de costumes e atitudes criam uma identidade própria ao ambiente.

Como foi notado, por vezes, as relações Sociedade e Natureza são desarmônicas. Quando perguntado aos sujeitos, quais seriam as consequências da relação entre Sociedade e Natureza (Figura 3) 15,9% apresentaram a alternativa de “Alteração”, num processo de modificação da natureza em prol da sociedade.

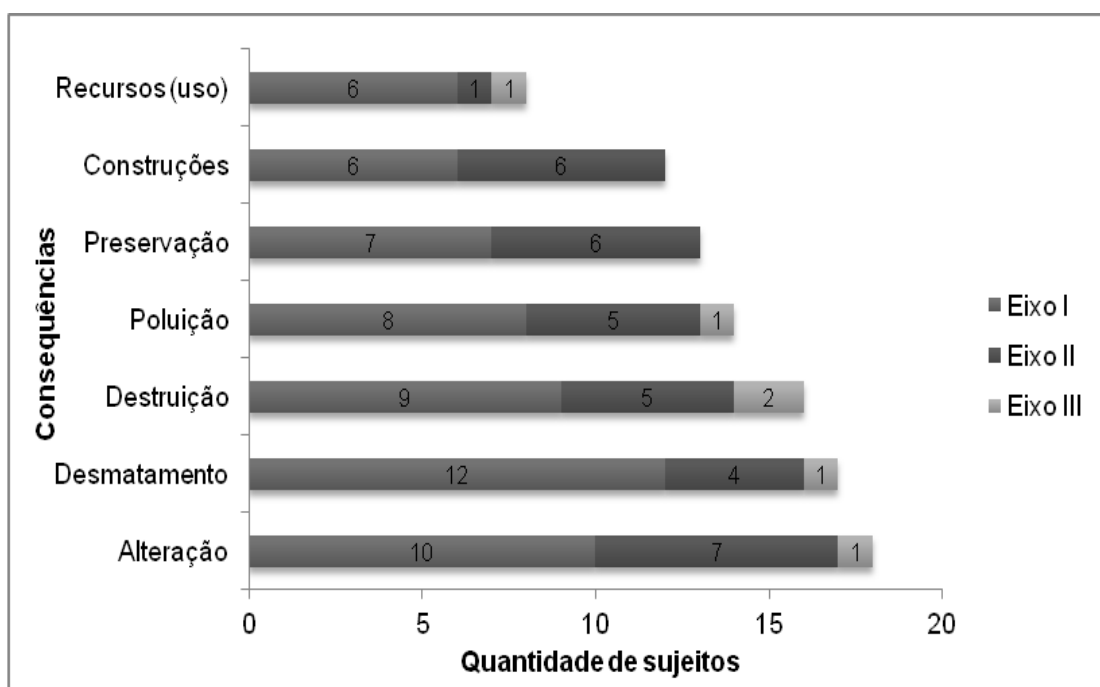


Figura 3: Categorias apontadas pelos sujeitos da pesquisa, quanto às consequências do homem sob uma Natureza.

Esta modificação é discutida por Mendonça (2011) e Santos (1992) quando apresentam ideias da presença de duas naturezas, a primeira sem uma atuação intensa do homem, que é intocada e, a segunda natureza com a intensa ação antrópica, característica nos processos de produção capitalista atuais.

Segundo Santos (1992, p.96)

Com a presença do homem sobre a Terra, a Natureza esta sempre sendo redescoberta, desde o fim de sua historia natural e a criação da natureza social, ao desencantamento do mundo, com a passagem de uma ordem vital a uma ordem racional. Mas agora, quando o natural cede lugar ao artefato e a racionalidade triunfante se revela através da Natureza instrumentalizada, esta, portanto domesticada [...].

Nesta lógica de segunda natureza a atuação da cultura é muito mais marcada, “A Cultura passa a significar o aprimoramento e o aperfeiçoamento da humanidade” (CHAUI, 2003, p. 49).

As considerações feitas pelo Sujeito D “o homem deve preocupar-se com a vida num sentido geral, vida sobre todos os aspectos, que a natureza nos fornece gratuitamente. A comunicação harmoniosa do homem com a natureza, seria um resultado bom, para que constantemente a natureza não morresse. A consequência é que todos os dias a natureza morre um pouco, e isso o ser humano não percebe, pois está atrelado no seu dia a dia, procurando resolver os seus problemas cotidianos e não percebe e nem perceberá que a natureza está pedindo socorro” ilustram as consequências da relação entre sociedade e natureza, que embora Santos (1992) vai apontar como uma redescoberta e uma inovação, os Eixos ainda percebem uma ideia de desequilíbrio na relação, com prejuízos a natureza, como Desmatamento (15%), Poluição (12,4%).

Embora, quando se trata dos conflitos entre a FLONA de Chapecó e a comunidade na zona de amortecimento o maior prejuízo tende para a comunidade, justo pelas legislações

ambientais que negam o uso intensivo de algumas áreas, justificadas pela preservação do ecossistema.

No caso da presença da FLONA de Chapecó, ela está presente na realidade dos sujeitos do Eixo I. Porém ao Eixo II, ela representa uma área de modificação, e por vezes nada pacífica.

Na Figura 4 (gráfico à esquerda) é possível notar que 73,5% dos sujeitos sabem o que é a FLONA (Floresta Nacional), enquanto que 22,4% não. Destes que não sabem associa-se, através da Abordagem Observando, que muitos sujeitos conhecem a o lugar da FLONA como IBAMA, por isso desconhecem a sigla. Apenas 4,1% não responderam a questão.

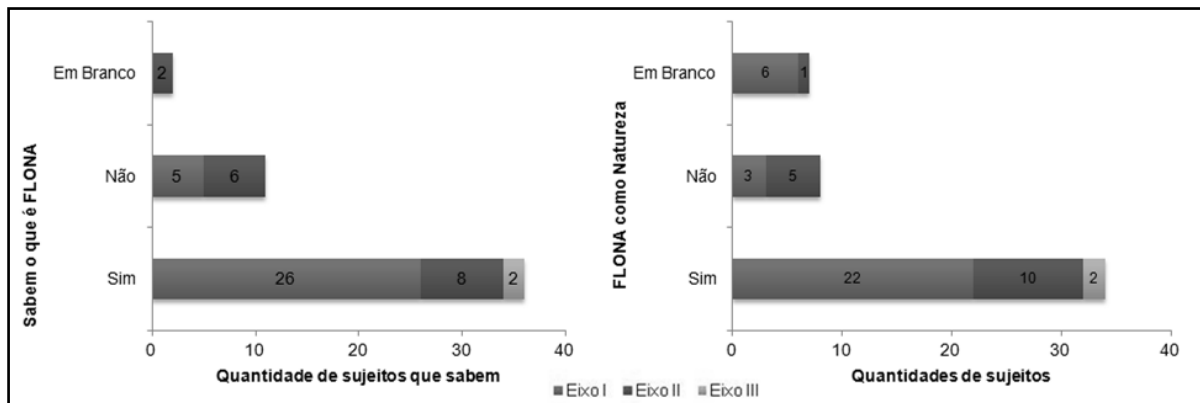


Figura 4: Quantidade de sujeitos que: à esquerda, sabem o que é a FLONA (Floresta Nacional); à direita, reconhecem a FLONA como exemplo de Natureza.

Para 69,4% dos sujeitos a FLONA de Chapecó é reconhecida como um lugar exemplo de natureza, enquanto que 16,3% não veem e 14,3% não responderam quando solicitados (gráfico à direita).

Neste meio é possível demarcar a atuação de diferentes gerações e segmentos da sociedade, que através de diferentes abordagens culturais modificam o espaço, do seu aspecto original e natural, a fim de proporcionar uma nova finalidade á sociedade (MENDONÇA, 2011).

A FLONA de Chapecó proporciona um diferencial, por ser uma UC de Uso Sustentável. Com um processo de reflorestamento das Araucárias (nativa), e a extração sustentável da vegetação exótica (Pinus e Eucalipto), principalmente na Gleba I, a fim também de minimizar os conflitos locais. Contudo, os dados demonstram que mesmo com todos os conflitos presentes, a FLONA é um lugar onde a paisagem permite a idealização de uma Natureza, seja pela tranquilidade, seja pela mera presença de árvores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas com a abordagem observando já foi possível perceber pela análise do lugar que a área de estudo é conflituosa, principalmente devido à instalação da UC. O perfil da população entorno a Floresta Nacional de Chapecó apresentaram experiências prévias no meio rural e com baixa ou escolaridade em formação. Desta forma, conflitos, envolvendo a ocupação humana e o uso dos recursos naturais, são comuns em diversas regiões onde foram ou serão implantadas Unidades de Conservação.

Conhecer os participantes, independente de seu eixo é de suma importância no desenvolvimento de uma pesquisa, principalmente qualitativa, pois são vários os fatores que podem influenciar tanto no desenvolvimento cognitivo, bem como no desenvolvimento social do sujeito.

A relação entre Sociedade e Natureza contínua complementar e ao mesmo tempo controversa. Segundo os sujeitos, em certas situações a sociedade e a natureza se complementam, auxiliando uma a outra, mas em outros momentos é uma situação conflituosa, ditada principalmente pelos interesses dos envolvidos na relação.

A partir de estudos exploratórios de percepções ambientais é possível desenvolver projetos e programas de educação ambiental para contribuir com a sensibilização, conscientização, proteção dessas unidades, como a FLONA de Chapecó (SC).

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude; PASSOS, Messias M. dos (Org.). **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007. 332 p.
- BRITO, Maria Cecília W. de. **Unidades de conservação: intenções e resultados**. São Paulo: Annablume, 2000. p. 101-111
- BRUNET, Roger; FERRAS, Robert; THÉRY, Hervé. **Les mots de la géographie: dictionnaire critique**. 3 ed. Montpellier-Paris: RECLUS – La Documentation Française, 1993, p. 345-347.
- CAMPOS, Fábio H.. Trabalho e Natureza: um discurso a favor da alienação. **Pegada** (UNESP), Presidente Prudente, v. 2, n.1, p. 119-126, 2001.
- CARVALHO, Marcos B.. O que é natureza, 1994. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 336-341.
- CHAUÍ, Marilena. Natureza, cultural, patrimônio ambiental. In: LANNA, Ana Lúcia D.. Meio ambiente: patrimônio cultural da USP. **EdUSP**. São Paulo, 2003, 47-55p.
- DIEGUES, Antonio C. S.. **O mito moderna da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: IBPEX, 2008. 146 p.
- ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de manejo da Floresta Nacional de Chapecó: resumo executivo**. Florianópolis: ICMBio, jul. 2013.
- MACHADO, Lucy M. P.. Paisagem valorizada: a serra do mar como espaço e como lugar. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIRANDA, Nascimento M.; SOUZA, Lucas B.. Percepção ambiental em propriedades rurais: Palmas (TO), Brasil. **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 10, p. 171-186, 2011.
- SANTOS, Milton. Aula Inaugural: 1992: a redescoberta da natureza. São Paulo: **Estudos Avançados** 6(14), 1992, 95-106p.
- SNUC, Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Lei nº 9.985, 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002**. 5. ed. aum. Brasília: MMA/SBF, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 2 ed. São Paulo: DIFEL, 2013. 288 p.
- VEIGA, José E. da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- WHYTE, Anne. V. T.. **Guidelines for field studies in environmental perception**. Paris: UNESCO, 1977.